

O AMOR EM TEMPOS DE INTERNET: REFLEXÕES SOBRE SUBJETIVIDADE E A AUSÊNCIA DE CORPOS NAS RELAÇÕES AMOROSAS VIRTUAIS

Vergas Vitória Andrade da Silva
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN

RESUMO

As mudanças sociais e históricas por que passa a sociedade atingem hoje a esfera pessoal dos indivíduos, as quais desencadeiam em uma *transformação da intimidade*. Muitas dessas alterações afetaram/afetam traços cotidianos de nossa existência, demarcando novos formatos de vínculos afetivos, “impondo”/construindo novas regras e novos espaços para o contato com o outro, como espaços cibernéticos, internet – mudança na relação presença e corpo, remodelando a intimidade e a sexualidade. A internet como uma instituição onde o tempo e espaço são reduzidos, marcas da contemporaneidade, se tornou uma esfera em que novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas. As conseqüências de tais processos parecem incidir sobre condutas e modos de subjetivação. Isto é, os novos contextos abriram caminhos que redefinem, redesenham a própria subjetividade. Imprime-se à subjetividade, nesse trabalho, um registro eminentemente social. Ela é essencialmente modelada e fabricada pelas relações sociais. Partindo desse pressuposto, questiona-se: como a emergência de novos formatos de vínculos afetivos, no contexto contemporâneo, tal como as relações virtuais, pesam na formação da subjetividade? Como pensar o redesenho da subjetividade onde a noção de lugar, de corpo e até mesmo de encontro desaparecem? O presente trabalho se presta a pensar as interseções entre relações virtuais e os modos de subjetivação.

Palavras-chave: amor; internet; relações virtuais; subjetividade.

Esta pesquisa pretende abordar a temática da produção da subjetividade e as relações amorosas virtuais. Trata-se de um estudo sobre as intersecções, as fricções entre os modos de subjetivação e as relações amorosas que são mediadas pela Internet. Por conseqüência o que se pretende nessa investigação é buscar as aproximações da cena subjetiva contemporânea através desses relacionamentos.

Por essa ocasião, as relações amorosas virtuais assumem, nessa pesquisa, um papel central para a compreensão da subjetividade. Portanto, este é um estudo que pretende apreender, a partir de uma perspectiva sociológica, o *ethos* das relações amorosas virtuais e seus modos de subjetivação contemporânea.

Partindo desses propósitos algumas questões iniciais se sobrepõem: Quais são os modos de subjetivação contemporânea? Quais são as alterações verificadas nas relações amorosas atuais? Como tais mudanças pesam na formação da subjetividade? Como pensar a formação da subjetividade a partir da emergência das relações amorosas virtuais? Não nos parecem questões simples e é sobre elas que nos deteremos.

As transformações verificadas no mundo contemporâneo, conforme a leitura do sociólogo Peter Pál Pelbart (2000, pp. 11-14), afetou e afeta o plano do próprio modo de subjetivação. Tais transformações *impuseram*, assim, uma série de redesenhos e reconfigurações, “sobretudo nessa matéria prima tão impalpável quanto incontornável a que chamamos subjetividade”. Para esse autor, no que se refere à subjetividade, “estamos diante de um termo aberto às forças que lhe forem dando sentido”. Conseqüentemente, a subjetividade em suas elaborações é tratada enquanto fabricação social e histórica.

Esse autor investe num conceito de subjetividade que, ao contrário de algo abstrato, “trata-se da vida, mas precisamente das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc”. (Pelbart, 2000, p. 37)

Na referida discussão Pelbart resgata ainda as formulações de Frederic Jameson sobre o *Pós-modernismo e sociedade de consumo*, para demonstrar as conseqüências do desenvolvimento do capitalismo sob a formação da subjetividade. Para Jameson, a subjetividade teria sido moldada a imagem e semelhança do capital. Por ora, não se pretende ir mais fundo nessa formulação. Ela se presta a corroborar com o entendimento da subjetividade enquanto um fenômeno socialmente alicerçado.

Nesse mesmo sentido, podemos destacar as contribuições do sociólogo francês Danilo Martuccelli (2002). Para ele a subjetividade é o corolário mais ou menos direto da vida moderna. Ela é uma conseqüência da modernidade. Ou seja, para ele a subjetividade é um projeto que revela “texturas culturais da modernidade”. Com essas considerações Martuccelli nos assegura que a subjetividade é o resultado de processos sociais, podendo, assim, ser abordada a partir de condutas sociais.

Na esteira dessas discussões, tomemos o conceito de subjetividade conforme a problematização de Felix Guattari (2002). Este autor em suas elaborações ultrapassou a já velha oposição clássica entre sujeito individual e sociedade, imprimiu à subjetividade

um registro eminentemente social. A subjetividade seria atravessada transversalmente por instâncias individuais, coletivas e institucionais.

Desde modo, compreendemos que Guattari (2002), Martuccelli (2002) e Pelbart (2000) discutem a questão da subjetividade levando em conta seu caráter “flexível”. Esse termo é empregado pela Suely Rolnik (2007, p. 13), referindo-se a uma subjetividade que se pode “dobrar, que se arqueia ou se distende com facilidade. Fácil de moldar, maleável”. Então, a subjetividade da forma como esses autores a entendem, é uma *matéria* modulada segundo os contextos sociais.

Baseando-nos, então, em tais premissas teóricas, inferimos que nossa pesquisa parte do pressuposto de que a subjetividade não é equivalente a interioridade do sujeito. Como afirma Martuccelli, a subjetividade tornou-se uma questão coletiva. Logo, pode ser apreendida a partir de uma perspectiva sociológica, pois se trata de um fenômeno definido por uma relação particular com o mundo social.

É uma convenção cultural na qual não pode ser estudada desarticulada de significados sociais. É nesse sentido que cada contexto social exige modelos diferentes de produção subjetiva. Por conseguinte, a subjetividade é, para os nossos intentos, formada a partir de um conjunto de práticas sociais. Isto posta, deduz-se então, que a compreensão da subjetividade dar-se-á a partir da compreensão de práticas sociais.

É por isso que na presente pesquisa é importante perceber como mudanças na sociedade influenciaram e influenciam condutas ou práticas amorosas e, conseqüentemente, remodelaram e remodelam a subjetividade. Isto é, perceber às maneiras nas quais formações culturais particulares moldam e provocam subjetividades.

Diante desse panorama, é importante destacar que as mudanças sociais e históricas por que passam as sociedades contemporâneas, atingem hoje a esfera pessoal dos indivíduos, as quais desencadeiam numa *transformação da intimidade*. Muitas dessas alterações afetaram e afetam traços cotidianos de nossa existência, demarcando novos formatos de vínculos afetivos.

Nessa conjuntura de constantes alterações são fabricadas novas experiências alternativas de conjugalidades, como os casamentos não-formais, casais com moradias separadas, a consolidação do “ficar”, do “juntar-se”, o “viver desacompanhado”, namoros e encontros virtuais. Essas experiências de conjugalidades quando comparadas

a de décadas anteriores podem ser consideradas exemplos que tornam notórias as mudanças nas relações amorosas.

Muitas dessas mudanças propiciaram/propiciam novas regras e novos espaços para o contato com o outro, como os espaços virtuais. A internet tornou-se uma esfera em que novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas – como o relacionamento amoroso virtual. O que queremos demonstrar nessa pesquisa é que as conseqüências de tais processos parecem incidir sobre condutas e modos de subjetivação. Ou seja, apostamos que os novos contextos amorosos abriram caminhos que redefinem e redesenham a própria subjetividade.

Parece-nos que as reinvenções de vínculos afetivos, constatadas hoje, como as relações amorosas virtuais, podem ser consideradas como um arcabouço de renovações comportamentais e, conseqüentemente, alterações nos modos de subjetivação que teriam emergido das tantas transformações verificadas no mundo contemporâneo. Levando em conta tais pressupostos, tem-se a seguinte problemática de pesquisa: como a emergência de novos formatos de vínculos afetivos, no contexto contemporâneo, tal como as relações amorosas virtuais, pesam na formação da subjetividade? Ou ainda: Como pensar o redesenho da subjetividade onde a noção de lugar, de corpo e até mesmo de encontro desaparecem?

Num artigo sobre *amor contemporâneo e relações na internet* Vieira & Cohn (2008) buscaram desvendar algumas particularidades que são típicas das relações amorosas virtuais. Tais particularidades são importantes para pensar a nossa problemática de pesquisa. Vieira & Cohn afirmam que a internet tornou-se uma esfera de relacionamentos nos quais se pode conhecer várias pessoas na mesma noite, sem sair de casa, ao mesmo tempo em que se mantêm ou se termina relações já estabelecidas. Entendem, portanto, que a Internet não é uma substituta das relações presenciais, ao contrário, é mais uma esfera de interação com o outro.

As autoras ainda revelam existir certas *facilidades* na forma de relaciona-se com o outro quando há a mediação da internet. É possível que as pessoas ao estabelecer uma relação virtual possam a princípio dizer de *si*, expor-se ao outro com maior destreza. Segundo elas a distância, “como a ausência do corpo ajuda o sujeito a se expor em questões que, com o corpo presente, teria vergonha ou receio”. (2008, p. 74). Ou seja, a ausência da expressão corporal pode facilitar o contato com o outro. Os internautas,

nesse sentido, ou pelo menos é o que parece demonstrar o estudo, puderam revelar-se ao outro sem temer demonstrar “nervosismo no suor das mãos, no desviar do olhar, no tom da voz. Em outros momentos não somos interrompidos por expressões como o choro, por mais que a outra pessoa esteja chorando”. (2008, p. 97)

Na mesma perspectiva tem-se um estudo realizado por Nascimento (2007) que versa sobre o *amor em tempos de internet*. Na pesquisa a autora procurou perceber as imbricações que podem existir entre as tecnologias virtuais e os relacionamentos amorosos. Preocupou-se ainda em destacar algumas características que compõem o mundo virtual. Referem-se “ao anonimato, à velocidade da informação e comunicação, à desterritorialização (ausência de fronteiras geográficas) bem como à percepção da diferença entre realidade e irreabilidade”. (2007, p.63).

Do mesmo modo que Vieira & Cohn, Nascimento também entende a virtualidade como um *facilitador* da narração do *si* para o outro. Na concepção de Nascimento, numa relação sem corpo, ou sem rosto, possibilita aos agentes uma maior expressão do *si*. Muitos que fazem uso da internet para relacionar-se ficam mais a vontade para narrar o que sentem e o que pensam.

Tomemos ainda outro estudo, realizado desta vez por Dela Coleta & Guimarães (2000). Na pesquisa sobre comportamentos relacionados à afetividade e relacionamento virtual, as autoras pretendiam responder a questão: *o amor pode ser virtual?* No referido estudo destacam, tal qual Vieira & Cohn (2008) e Nascimento (2007), que as tecnologias virtuais permitem uma maior possibilidade de revelação do *si*. Ou seja, na pesquisa os entrevistados relataram que tinham maior facilidade de se expressar quando estavam na Internet do que quando interagiam presencialmente com outra pessoa. (2008, p. 284)

Por meio dessas proposições podemos inferir que, ao menos em parte, há uma relação entre os modos de subjetividade e relações amorosas virtuais, no sentido em que através das relações amorosas mediadas pela virtualidade os indivíduos encontram um *lugar* para “expressar ou revelar o eu”.

Diante desse pressuposto é importante cautela. Reforçamos que as relações amorosas virtuais podem ser, em certa medida, um lugar propício *para o relato de verdades sobre si*, não é o único. Somos cientes que também é possível encontrar nessas relações, mediadas pela internet, uma série de *mentiras reveladas sobre o si*, desde

relatos mentirosos sobre a aparência física, *personalidade*, condição financeira, etc. Contudo, apontamos que é também possível verificar nessas relações possibilidades de *verdades*. Mas, o que essa pesquisa classificará como verdade? Àquelas em que os indivíduos envolvidos consagram como *verdades sobre o eu*.

É essencial destacar que esse *eu* é envolto pelo social, formado a partir de um lastro socialmente localizado, poderá revelar muito sobre os nossos dias, sobre nossa contemporaneidade, sobre nossas formas de subjetivação. Ou seja, o *eu*, ou sua verdade, se reveste de grande significado social. Temos ciência que aquilo a que estamos chamando de *verdade de si* é aquilo que os indivíduos afirmam, no plano discursivo, ser a verdade. Não temos a *ilusão* de afirmar que os indivíduos tenham a *completa verdade sobre si mesmo*.

A virtualidade, nesse sentido, pode ser um canal que muitos contemporâneos têm para dizer o *si* para o outro. E para os nossos propósitos da pesquisa, é importante apreender para os fins de análise o *revelar-se* nas relações amorosas virtuais. O que eu revelo de mim para o outro na relação amorosa? Entendemos aqui que não se pode confundir a *revelação do si* com subjetividade. Mas, a *revelação de um si social* que tem muito a dizer sob a as formas de subjetividade contemporâneas.

Seguindo por esse enfoque têm-se as contribuições Martuccelli (2002). Em sua discussão sobre a *grammaries du l'individu* estabelece relações entre subjetividade e experiências amorosas. Para ele, é na experiência amorosa que a subjetividade encontra com frequência sua expressão senão máxima, ou pelo menos suas principais manifestações. A experiência amorosa é, portanto, uma expressão chave de nossa subjetividade.

Ainda seguindo de perto as contribuições de Martuccelli, a experiência amorosa será para esse autor um fenômeno social, dentre outros, que possibilita uma *emergência do si*, *uma narrativa do si*. Segundo ele, há, através das experiências amorosas, possibilidades de *explosões inéditas do eu*. É onde o *si* é revelado para o outro.

Defende, portanto, que a subjetividade se acha, ao menos em parte, no *amor*. Ela encontra, por fim, seu lugar de expressão, não o único, mas um lugar propício. Nesse sentido, assevera-nos, *com efeito*, *é no amor que vivenciamos e expressamos o que somos verdadeiramente e nos revelamos nós mesmos graças ao outro*. É por isso que o amor é considerado tão importante, ele tornou-se um lugar de revelação do *si*. Esse *si*

revelado para o outro daria forma a subjetividade. É necessário deixar claro que o que nos interessa nessa proposição é que essas *verdades que revelam o si* tem muito a dizer sobre como agimos, enquanto seres sociais. Essas formas de expressões que são típicas das relações amorosas virtuais, pelo menos como entendemos, podem desvelar modos de subjetivação contemporânea.

Mas, na perspectiva dessa pesquisa, como apreender as formas de subjetividade nas relações amorosas virtuais? Seguindo por esse enfoque admite-se que a análise sociológica da subjetividade, tal como é entendida por Martuccelli (2002), concentra-se menos sobre as relações entre *vida interior* e as transformações sociais do que sobre as manifestações sociais, sobre condutas sociais, seus paradoxos, ambivalências, contradições. Partindo daí, se se pretende nessa proposta perceber como as renovações nos vínculos amorosos – a exemplo das relações amorosas virtuais, contribuíram/contribuem para o redesenho da subjetividade deveremos nos debruçar, conseqüentemente, sobre a análise das condutas amorosas virtuais.

Tendo em vista esse propósito, pretende-se, assim, apreender as principais condutas amorosas virtuais, através das formas de *revelação do si* nas relações virtuais, isto é, apreender o que é *dito* e o *vivido* nas relações amorosas de casais que se conheceram na internet e que mantêm ou mantiveram o que estamos chamando aqui de *relacionamento amorosa virtual*. Entendemos, nos valendo das formulações de Martuccelli, que as relações amorosas virtuais podem ser um lugar propício para *explosões inéditas de si*. Como os casais revelam-se um ao outro em suas relações amorosas virtuais? O que é dito de *mim* para *você*, no relacionamento, que permite dizer quem sou verdadeiramente?

Partindo dessa forma de compreender as relações amorosas e a subjetividade, buscaremos apreender as revelações do *si*, aquilo que é *dito* e *vivido* entre casais que participam de uma comunidade do Orkut intitulada *Conheci meu amor na internet* – Criada por Sandra Martins em 25 de dezembro de 2004. Membros: 11.344.

É nossa proposição, realizar uma análise e estudo da problemática, a partir de procedimentos que privilegiem a pesquisa orientada para o caráter qualitativo. Partindo desse princípio, serão adotadas as entrevistas abertas que, a princípio serão virtuais, pois, estas podem disponibilizar uma maior abertura do universo simbólico e subjetivo dos atores sociais envolvidos.

A técnica de entrevista aberta estará amparada pelos procedimentos teórico-metodológicos dos relatos orais, fundamentais para nosso campo de análise: as *revelações do si* manifestas nas relações amorosas dos casais, isto é, o *dito* e o *vivido*ⁱ dessas relações.

Para a realização das entrevistas, tentaremos nos nortear pela postura defendida por Bourdieu (1997, p. 695), o qual propõe uma “comunicação não-violenta” no momento das entrevistas. Essa postura tenta reduzir ao máximo a *violência simbólica*, que se pode exercer através dessa metodologia. Nesse sentido, tentaremos minimizar ao máximo os efeitos que uma entrevista como essa pode ter sobre “os internautas” que são levados a falar sobre suas vidas amorosas e sobre si mesmo.

Finalmente, através desse estudo procuramos demonstrar e nos confrontarmos com a seguinte tese: a produção da subjetividade contemporânea se inscreve no âmago das transformações sociais. As mudanças por que passam as sociedades alteraram radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afetaram os aspectos mais pessoais de nossa existência. Como resultado desses processos a subjetividade assume novos significados e sentidos. A emergência de novas formas de vínculos afetivos, tais como as relações amorosas virtuais, revelam um novo *ethos* amoroso contemporâneo e, conseqüentemente, tais práticas incidem sob a subjetividade que passa a ser remodelada, reconfigurada a imagem e semelhança das mudanças.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

MARTUCELLI, Danilo. **Grammairies du l'individu**. Folio essais. Éditions Gallimard, 2002.

NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Do amor em tempos de internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia**. Curitiba, 2007. 146 f. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná)

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras: 2000

Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, abr./jun. 2008. **O amor pode ser virtual? o relacionamento amoroso pela internet.** Alessandra dos Santos Menezes Dela Coleta; Marília Ferreira Dela Coleta; José Luiz Guimarães

RBSE 7 (19): 72- 117 Abril de 2008. **Amor Contemporâneo e Relações na Internet: Ausência do Corpo nas Relações** - Cibele Izidorio Fogaça Vieira e Clarice Cohn.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

ⁱ Este é um trabalho em fase de elaboração. Apropriando-me das palavras de Bourdieu (2004, p. 19), em sua *introdução a uma sociologia reflexiva*, este trabalho encontra-se em *estado nascente*, quer dizer, *em estado embrionário*. Não se trata de um trabalho acabado, mas de um trabalho em *vias de se fazer*.